# **AFROS & AMAZÔNICOS**

### 내 내 내 내 내 내 내 내 내 내

#### CONEXÃO BRASIL MARROCOS: RELATOS E RETRATOS DE MAZAGÃO VELHO

Brazil Morocco Connection: Reports and Portraits from Mazagão Velho

Virginia Maria Yunes\*

Resumo: O pequeno distrito de Mazagão Velho, fica localizado no município de Mazagão, ao sul do Estado do Amapá, norte do Brasil. A história deste pequeno território tem início na África no século XVIII. É a história de uma cidade portuguesa transladada de Marrocos para a Amazônia. Uma história singular cuja união da cultura dessas três etnias – portuguesa, africana e ameríndia resultou em fortes tradições que existem e resistem no tempo. Neste artigo busco trazer algumas narrativas que colocam em evidência as memórias de alguns moradores e a minha também, bem como narrativas visuais que traduzem e dão a conhecer a história, a localidade e parte das manifestações culturais. Apresento uma fotoetnografia, feita de retratos e relatos, realizados no ano de 2018, que revelam uma possível ideia do que foi e continua a ser a conexão do Brasil-Marrocos.

Palavras-chaves: Mazagão, Amapá, cultura, identidade, afrodescendentes

#### Presença marroquina no Brasil

Viemos lá de Marrocos Para uma vila habitar, Revivendo nossa história Num cantinho do Amapá. (Ladrão de Marabaixo¹ – Josué Videira e Manoel Duarte)

O pequeno distrito de Mazagão Velho fica localizado no município de Mazagão. ao sul do Estado do Amapá, norte do Brasil. Em 1993, viajei para Mazagão com o propósito de fazer um trabalho voluntário e lá permaneci por quase um ano. Mesmo estando em território brasileiro, era outra realidade que se apresentava frente a mim. Os modos de ser e estar eram diferentes do sul do Brasil, onde eu moro. Expressões e palavras distintas: carapanã, mucuim, muriçoca, mutucas (todos mosquitos); sabores novos: cupuaçu, cacau, graviola, açaí, bacaba, pupunha, tacacá, tucupi, tapioca, maniçoba, queijo de búfala, carne de caça (tatu, bicho-preguiça, cotia, paca, jabuti, caititu, veado, tartaruga, jacaré); e até a

Em 2018, após uma viagem ao Marrocos decidi retornar para Mazagão, desta vez com a intenção de iniciar uma pesquisa fotoetnográfica. Meu objetivo fazer uma ponte temporal e espacial, uma conexão entre o Mazagão da África e o do Brasil, ontem e hoje. Escolhi como metodologia a observação participante. Entrevistei algumas pessoas por indicação da comunidade, os quais eu chamo de interlocutores, registrei em imagens (fotografias e vídeos) algumas características e vestígios da história, lá e cá. Este artigo, não pretende aprofundar numa perspectiva teórica sociológica, política ou antropológica, e sim procura fornecer dados empíricos e imagens para significar o que não é possível ou passível de descrever.

A história deste pequeno território tem início na África. No século XV, a Coroa portuguesa ocupa a costa de Marrocos, insta-

música soava diferente: brega e carimbó. Os vínculos de amizades estabelecidos com as pessoas locais me permitiram estar, mesmo à distância, em contato permanente com os acontecimentos na cidade. Para além dessas curiosidades, Mazagão guarda uma história única que atravessa continentes e gerações.

<sup>\*</sup> Doutora em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Professora de Fotografia e Arte Africana e Afro-brasileira pela mesma universidade.

<sup>1.</sup> O Marabaixo é uma manifestação cultural de origem africana típica de comunidades afrodescendentes do Amapá, que inclui dança de roda, canto e percussão.

### 

lando-se na atual cidade El Jadida (outrora Mazagão e Mazagan, durante a ocupação portuguesa e francesa, respectivamente), situada a 90 km ao sudoeste de Casablanca, capital do país. Nesta cidade, os portugueses construíram uma Cidadela cercada de enormes muralhas e baluartes, formada por ruelas estreitas que abriga a Fortaleza Militar, as Cisternas Subterrâneas e a Igreja da Nossa Senhora da Assunção, além de uma farmácia, lojas, hotéis e restaurantes. Construção que a UNESCO declarou como Patrimônio da Humanidade, em julho de 2004, e em 2009 foi considerada uma das sete maravilhas de origem portuguesa no mundo. De fato, a passagem dos portuqueses no continente africano e no Brasil se caracteriza, principalmente, pelas fortalezas construídas (BOYER, 2008; VIDAL, 2008).

Três séculos se passaram e em 1769, a Coroa portuguesa, por ordem de Dom José I, e o então primeiro-ministro Marquês

Figura 01: Vista da Cidadela Portuguesa de El Jadida, Marrocos



Fonte: Acervo da autora

Figura 02: Vista da Cidadela Portuguesa de El Jadida, Marrocos



Fonte: Acervo da autoraa

de Pombal, resolveram sob a pressão da invasão dos Mouros e Berberes, retirar-se da costa marroquina e transferir a colônia para o Brasil. Cerca de 340 famílias portuguesas, que habitavam nessa Cidadela, foram enviadas para a amazônia brasileira, junto com alguns africanos escravizados. O trajeto ao Novo Mundo consistia numa viagem em barco até Lisboa e lá esperar seis meses antes de atravessar o Atlântico rumo à América. Nessa longa escala aqueles que tinham melhores condições econômicas permaneceram em Portugal e os demais foram obrigados a continuarem a viagem. Uma vez que desembarcaram na atual cidade de Belém, no Estado do Pará, o grupo dividiu-se e seguiu rumos diferentes pela região amazônica. Uma parte, composta de 163 famílias, seguiu viagem numa embarcação chamada Sant'Ana até chegarem às margens do rio Mutuacá, coração da floresta amazônica, no Estado do Amapá. (ARAÚJO, 1998; VIDAL, 2008). De acordo com um dos entrevistados, o

Figura 03: Fachada da Cisternas Subterrâneas da Cidadela Portuguesa de El Jadida, Marrocos



Fonte: Acervo da autora

Figura 04: Parte Interna da Cisternas Subterrâneas da Cidadela Portuguesa de El Jadida, Marrocos



Fonte: Acervo da autora

## 매매매매매매매매매매

pesquisador Josué Videira (2018), existia o Projeto Pombalino<sup>2</sup>, que tinha a finalidade de fundar ali a Vila Nova Mazagão da América, porque tal localização atendia às estratégias da colonização e também servia de apoio militar à Vila de Macapá, surgida em torno da Fortaleza de São José do Macapá, na capital do Estado.

A Nova Mazagão, portanto, foi povoada por lusitanos, africanos e ameríndios que habitavam ali na região, e foi justamente graças à ajuda da mão-de-obra indígena que aprenderam a sobreviver na Amazônia, contudo, foram expulsos quando não precisavam mais deles. Edificaram toda a estrutura de uma vila colonial composta, inicialmente, por um convento, um quartel, uma igreja e a intendência, além das moradias ao estilo colonial. Esta Vila foi fundada em 23 de janeiro de 1770, pelo rei de Portugal, Dom José I (PENHA, 2017).

Ninguém imaginaria que poucos anos depois, precisamente em 1783, uma epidemia de cólera levaria à morte dezenas de pessoas devastando a jovem vila. Dos sobreviventes, conforme o interlocutor Josué Videira (2018), as pessoas que tinham um maior poder aquisitivo migraram para a região das ilhas e outras vilas, onde se estabeleceram como comerciantes, e as famílias menos favorecidas, sem condições econômicas, restou-lhes permanecer, no caso os negros africanos e seus descendentes. Foram tempos difíceis! A vila reduziu-se a poucas famílias e atualmente, a comunidade tem cerca de dois mil habitantes, sendo a maioria afrodescendentes. De acordo com outro entrevistado, Seu Jorge, nascido em 1931, um dos moradores mais antigos e detentor da história e cultura local, assim relata este triste episódio:

> Eles trabalharam bastante e quando a cidade estava quase estruturada desabou. Mazagão durou apenas 10 anos. Foi no tempo que bateu uma epidemia que a

medicina constatou que era cólera, em 1810. Morria gente todos os dias [...] as casas ficavam fechadas e às vezes com defunto dentro. Aqueles que tinham embarcação fugiam.

Anos depois, em 1833, devido às divergências políticas internas, entre liberais e conservadores, a então Nova Mazagão perdeu o seu estatuto de vila e voltou a ser colônia, o seu nome novamente mudou e passou a ser chamada Mazagão Velho, como é conhecida nos dias atuais. Em 1915 a sede administrativa é transferida para Magazanópolis, localidade a 30 km de distância, que hoje é conhecido como Mazagão Novo, ou simplesmente Mazagão (BOYER, 2008).

Na localidade restam algumas construções portuguesas e as ruínas da Igreja velha e um cemitério, que servem como únicas testemunhas visíveis da cidade do século XVIII. Nelas pulsa a cultura trazida pelos africanos e portugueses e resiste ao longo do tempo. Desde o ano de 2003, a história começou literalmente a ser desenterrada, com o trabalho de escavação de uma equipe da Universidade de Pernambuco junto com o governo do Amapá o que resultou na descoberta das ruínas da igreja e 52 ossadas dos primeiros moradores da região (PENHA, 2017). Desde então, vem ganhando o reconhecimento por parte das autoridades e órgãos responsáveis em resgatar e salvaguardar a história e cultura, na memória dos antigos moradores fica o lamento da grandeza passada: "A vila foi muito grande, mas hoje não se vê mais nada, mas temos a esperança de um dia voltar a ser o que era antes", assim comenta Seu Jorge (2018) e continua:

Agora Mazagão velho evoluiu um pouco, Graças a Deus! Já tem algumas casas mas, há mais gente, mas, era triste! Não quero nem me lembrar. Era uma cidade mesmo, tinha convento, tinha Forum, quartel, tinha tudo.

Os nativos reconhecem o seu caráter multicultural e pluriétnico, "esse negro e esse português como seus ancestrais que vieram carregando na bagagem a "cultura africana" e a "cultura portuguesa" que

<sup>2.</sup> Entre 1750 e 1777, Sebastião José de Carvalho, o Marquês de Pombal, estabeleceu uma série de reformas modernizantes com o objetivo de melhorar a administração do Império português e aumentar as rendas obtidas através da exploração colonial (CRUZ; ISMERIM, 2020).

### 내 내 내 내 내 내 내 내 내

doou som, cor, ritmo e matéria à cultura mazaganense" (RIBEIRO, 2018). Hoje em dia, boa parte da população se declara descendente dos africanos que chegaram junto com os portugueses. Em suas narrativas a linhagem mistura história, religião e cultura. De acordo com Boyer (2008), a vila de Mazagão é reconhecida como "berço da cultura negra" no Amapá, e foi incluída aos programas dirigidos aos quilombolas. Entretanto, a maior parte da população prefere pensar que os seus ancestrais não foram quilombolas o que gera muitas controvérsias, na entrevista Josué Videira (2018), assim se refere quanto à origem e organização política do lugarejo:

Muitas pessoas imaginam que Mazagão foi uma comunidade quilombola, mas foi uma colônia. Uma colônia que fez parte de um grande projeto, chamado pombalino, fundamental não só para o Estado do Amapá, mas para o Brasil, porque este projeto envolvia uma série de coisas e até demarcação de terras do território brasileiro, portanto, faz parte da história

Figura 5: Vista Lateral Externa da Fortaleza de São José de Macapá, Amapá



Fonte: Acervo da autora

Figura 6: Vista Interna da Fortaleza de São José de Macapá, Amapá



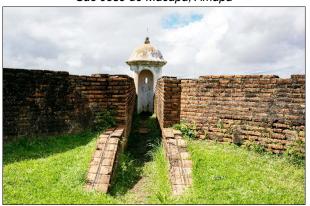
do Brasil. Evidentemente que vieram os africanos com os seus senhores e que permaneceram aqui.

Durante o tempo colonial, teve uma participação importante na economia local com o extrativismo, a cultura de castanha-do-Brasil, a extração de madeira para a produção de carvão e com a extração do látex da seringueira. Hoje, a comunidade sobrevive da extração de palmitos de açaí, com algumas serrarias e fábricas de tijolos (PENHA, 2017).

#### Mazagão: ontem e hoje

Mazagão, 30 anos atrás, era bem diferente do que é hoje. Naquele tempo, para ir até Macapá, a capital, tinha que atravessar duas balsas que funcionavam apenas durante o dia, exigindo, na maioria das vezes, um tempo de espera significativo, pois era preciso reunir um determinado número de veículos para fazer a travessia de uma margem a outra. Não existia outra opção, restava sentar, conversar, esperar e

Figura 7: Vista Interna de uma Guarita da Fortaleza de São José de Macapá, Amapá



Fonte: Acervo da autora

Figura 8: Vista Interna de uma Construção da Fortaleza de São José de Macapá, Amapá



Fonte: Acervo da autora

### 매 내 내 내 내 내 내 내 내 내

desconstruir a ideia do tempo. Como diz a canção³ do Zé Miguel, músico local: "A vida daqui é assim devagar [...] basta o céu, o sol, o rio e mar, pirão de açaí com tamatá". E como me explicou Seu Jorge (2018), num tom brincalhão: "o nome Mazagão quer dizer mais sossego ou bom sossego ou ainda melhor sossego".

O Estado do Amapá é cortado pela linha do Equador e possui um clima bastante úmido e quente, em torno de 36 °C, o ano inteiro mesmo em tempo de chuva, o que consideram de inverno. Razão pela qual as ruas, de terra batida naquele tempo, estavam sempre vazias durante a tarde dando a impressão de abandono, mas ao fim do dia, o cenário mudava, os habitantes tomavam conta das ruas, das praças, das calçadas e a cidade ganhava vida. Durante o ano que lá morei, tive o privilégio de visitar diversas comunidades ribeirinhas às margens do Rio Beija Flor e suas ramificações, dentro do município de Mazagão. Muitas delas com acesso apenas por igarapés e igapós. O rio interliga uma casa a outra, formando pequenas vilas, e, é por esse mesmo rio que tudo é transportado. As crianças remam em pequenas canoas enfrentando, muitas vezes, maré cheia e tempestades, para ir à escola. Longe de tudo, as pessoas vivem com muitas dificuldades devido à infraestrutura precária, sem eletricidade nem água encanada. Mas, a natureza é tão generosa que sempre provê àqueles que sabem respeitar, conhecedores de uma cultura extrativista milenar, eles pescam ou retiram apenas aquilo que precisam consumir, o suficiente para comer no dia ou vender na feira, sem ter que acumular. Além do peixe, da farinha de mandioca, o açaí é o alimento que não pode faltar na mesa dos mazaganenses, como costumam dizer: "Dai-nos o açaí de cada dia!".

Segundo dados do IBGE, a população de Mazagão Velho em 2010 era de 7.598 habitantes. As principais atividades econômicas são a agricultura – em especial a mandioca e o açaí –, a pesca, o funcionalismo público e o comércio. A cidade é visitada com frequência nos finais de semana, feriados e por ocasião das festas de santo e em função de um balneário formado à beira do rio mutuacá. (SILVA, 2021)

Figura 09: Vista do Rio Mutuacá em Mazagão Velho



Fonte: Acervo da autora

Figura 10: Um bairro do município de Mazagão Velho



Fonte: Acervo da autora

Figura 11: Igreja Nossa Senhora de Assunção em Mazagão Velho



Fonte: Acervo da autora

Quanto à religiosidade, os moradores desse lugar, anualmente, realizam um

<sup>3.</sup> Vida Boa, canção de José Miguel de Souza Cyrillo, nascido em Macapá no ano de 1962, é um cantor, com positor, escritor e produtor musical. Está entre os principais representantes da música na Amazônia, com valorização dos ritmos regionais, como o batuque e o marabaixo, elementos marcantes da cultura afro no Amapá.

### 내 내 내 내 내 내 내 내 내

grande número de festejos religiosos dedicados aos santos católicos. Devoção herdada dos portugueses que ao transladar a cidade carregaram também nos navios, diversos objetos de culto, imagens sacras, numerosos candelabros, cruzes, cálices, uma pia de água benta, fachada do altar, toalhas, alfaias litúrgicas, paramentos e missais. Entre as imagens, a padroeira de Mazagão: Nossa Senhora da Assunção, que traz uma cruz de prata acompanhada de outras, também o Cristo Morto, Jesus crucificado, São Pedro, o arcanjo São Miguel, Santa Ana entre outros. (VIDAL, p. 92, 2018). Com o tempo outros santos se juntaram como São Benedito e Nossa Senhora Aparecida, muitos destes objetos ainda se encontram hoje na Igreja e são usados nas diversas celebrações4 como relata Seu Jorge (2018), como muito orgulho:

Quando o povo chegou, os que vieram do Marrocos trouxeram muita coisa na bagagem deles. Muitas tradições. Trouxeram a Festa de São Tiago, Festa da Nossa Senhora da Piedade, Festa de São Gonçalo, Festa do Divino Espírito Santo, o Marabaixo, a Festa de Nossa Senhora de Assunção e Nossa Senhora da Luz e o Sairé. Mazagão Velho é rico em cultura!

Figura 12: Fachada das Casas Coloniais na Beira do Rio em Mazagão Velho



Fonte: Acervo da autora

A devoção ao apóstolo São Tiago é o maior patrimônio cultural do Estado do Amapá, considerado como símbolo de resistência por se perpetuar a mais de 200 anos. A tradição, que ainda acontece em Marrocos com algumas diferenças no rito, foi trazida para Mazagão Velho pelas primeiras famílias que colonizaram a região e desde 1777 vem sendo realizada todos os anos. Nas palavras de Josué Videira (2018), é uma "história que atravessou o continente e se manteve aqui num cantinho do Amapá e do Brasil". A festa é celebrada, sempre no dia 25 de julho e nos dias que antecedem, durante o folguedo é encenado a céu aberto a aparição de São Tiago como um soldado anônimo que lutou bravamente ao lado do povo cristão contra os mouros (mulçumanos) e garantiu sua vitória. A comunidade toda se envolve nos preparativos da festa, na confecção dos figurinos e participa do elenco dando vida aos personagens. Nesses dias o vilarejo chega a receber mais de 50 mil pessoas vinda de todo o Estado e tamanha é a importância que esta data foi oficializada, em 2012, como feriado santo estadual.

Figura 13: Imagens sacras no interior da Igreja Nossa Senhora de Assunção, Mazagão Velho



Fonte: Acervo da autora

Figura 14: Imagens sacras no interior da Igreja Nossa Senhora de Assunção, Mazagão Velho



Fonte: Acervo da autora

<sup>4.</sup> Nos meses de julho e agosto acontecem as principais festas, em um intenso período ritual de devoção aos santos. São as festas em louvor a Nossa Senhora da Piedade (03 a 12 de julho), a São Tiago (16 a 28 de julho), a Nossa Senhora de Assunção (06 a 15 de agosto) e ao Divino Espírito Santo (16 a 24 de agosto) (SILVA, 2021)

## 내 내 내 내 내 내 내 내 내 내

Sobre o santo, trago aqui o relato de Dona Joaquina, moradora antiga de Mazagão Velho, que nasceu e cresceu numa casa à beira do rio:

> São Tiago era um cavaleiro anônimo que apareceu no meio da tropa cristã para defendê-la dos mouros. Os cristão querendo conquistar os mouros para o cristianimo, travaram essa guerra por causa da religião. O rei dos Mouros mandou envenenar os presentes que seriam dados aos cristão, porém eles desconfiaram deram parte da comida aos animais que morreram logo em seguida. Como forma de celebrar a conquista, os mouros organizaram um baile de máscaras e convidaram os cristãos, estes aceitaram e levaram à festa o restante do presente recebido e nesse dia morre o rei mas a batalha só termina dias depois quando aparece Tiago e pede a Deus para tornar o dia mais longo do ano e assim lutar para ajudar os cristãos até a vitória. (Depoimento de Dona Joaquina, 2018)

Não cabe aqui fazer um relato detalhado da festa. Segundo Silva e Tavim (2005), os festejos iniciam no dia 16 de Julho, são nomeados os festeiros, acontece a novena e as procissões com círios, acompanhadas com leilões e bingos. No dia 24 à noite, último dia da novena e a seguir o baile de máscaras, recriação dos mouros para celebrar uma primeira vitória sobre os cristãos. Neste baile, as mulheres não podem participar. É no dia 25 que se desenrola a maior parte da encenação, intercalando batuques com músicas populares (corais religiosos, música "pimba"). Os festeiros – eleitos pela comunidade e exibindo o prestígio social que isso também lhes confere - se deslocam da nova capela para a atual Igreja, frente ao rio, carregando as imagens de Santiago e de S. Jorge, de particular devoção dos negros. No dia 28, repete -se a encenação tendo agora como figurantes as crianças, vestidas, também elas, de vermelho ou branco, conforme representam mouros ou cristãos.

A manifestação de fé aparece também na intimidade de seus lares. Quase todos os habitantes da Mazagão Velho organizam, em algum cômodo de suas casas, um altar composto por uma variedade de santos(as) e adereços, entre eles: flores, terços, fitas coloridas, velas, quadros, santinhos e retratos de familiares falecidos, entre outros objetos que remetem à uma devoção e ligação espiritual. Orgulhosos e piedosos se apresentam e reivindicam seus direitos à religião, à cultura e à humanidade.

Figura 15: Casal de moradores de Mazagão Velho, ao lado do altar em sua casa, composto por diferentes imagens de santos, velas, fitas, quadros, santinhos e flores



Fonte: Acervo da autora

Figura 16: Interior de uma casa em Mazagão Velho, expressão de fé pendurada na parede



Fonte: Acervo da autora

Figura 17: Placa do Marco Comemorativo do Bicentenário da festa de São Tiago (1777 – 1977), Mazagão Velho



Fonte: Acervo da autora

## 태태배배배배배배배

#### Considerações Finais

Mazagão velho, é um lugar que guarda uma parte da história da colonização brasileira pouco conhecida, uma cidade transplantada do continente africano para a Amazônia. A cidade foi desmontada, transportada, instalada transitoriamente em Lisboa, outra vez transportada e instalada transitoriamente em Belém, desmontada, transportada e finalmente instalada no interior do Amapá. Uma história única e muito singular e que infelizmente poucos conhecem, como diz Seu Jorge "Pena que a história ainda está escondida por causa dos nossos governantes que não valorizam, mas nossa história é muito bonita, as coisas tristes que contam só é mentira".

Ainda existem muitas controvérsias quanto à construção do discurso, da reconstrução da memória coletivas, das narrativas orais e da documentação existente. A história oficial é atravessada por uma série de interesses políticos e econômicos que impedem trazer à luz a verdade. Parafraseando Silva e Tavim (2005):

Seja como for, mais do que uma invenção do passado, estamos perante uma articulação do presente da comunidade em torno de eixos entendidos, hoje, como seguros para o seu ancoramento; eixos que, neste caso e neste momento, permitem projetar, de forma satisfatória, a diversidade étnica e a oposição política no passado e encenar a dificuldade conquistada da sua resolução.

O ponto de partida deste artigo foi um arquivo de imagens (fotos e vídeos), uma experiência pessoal e uma história incrível. Pensado, inicialmente, para ser um ensaio visual, onde a imagem fosse a protagonista. Entretanto, à medida que fui selecionado e editando o material, retratos e relatos, achei necessário contextualizar para dar um entendimento melhor. Sem a pretensão de aprofundar o assunto, procurei de forma sucinta apresentar a fala dos moradores de Mazagão Velho, meus interlocutores, que carregam e contam as memórias mencionadas no texto. A narrativa

visual que acompanha o texto revela características culturais, geográficas e temporais. Mas não apenas isso. Elas podem tornar visíveis sentimentos, crenças, medos, desejos e a história deste pedacinho do Brasil.

#### Referências

ARAÚJO, Renata Malcher de. As cidades da Amazônia no século XVIII. Belém, Macapa e Mazagão. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1998.

BOYER, Véronique. Passado português, presente negro e indizibilidade amerindia: o caso de Mazagão Velho, Amapá. *Revista Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 28(2): 11-29, 2008

CRUZ, Vitoria Nascimento; ISMERIM, Leandro Santos. O projeto pombalino no Brasil limites e implicações da imposição da línguia portuguesa. *Anais Educon 2020*, São Cristóvão/SE, v. 14, n. 1, p. 2-12, set. 2020. Disponível em: <a href="https://www.coloquioeducon.com">https://www.coloquioeducon.com</a>.

Depoimentos. Seu Jorge, Josué Videira, Tiago, Flavio, Dona Joaquina, Entrevistadora: Virginia Maria Yunes. Mazagão Velho, Abril de 2018.

PENHA, Gabriel. *Povo de cultura e fé*. Livro fotográfico das festas religiosas, tradicionais e culturais de Mazagão Velho, AP. Edição de Autor. Mazagão, 2017. 78p.

RIBEIRO, Karina Nymara. As tradições que narram o passado: trajetória, resistências, memórias e narrativas. *XIV Encontro Nacional de História Oral*: testemunhar por imagens. UNICAMP/ Campinas, 2018.

SILVA, José Maria. A festa do santo guerreiro e a representação da guerra entre mouros e cristãos. *REH- Revista Educação e Humanidades*. Volume II, número 2, jul-dez, p. 425-443, 2021.

SILVA, Maria Cardeira; TAVIM, José Alberto Silva. Marrocos no Brasil: Mazagão (Velho) do Amapá em festa – a festa de São Tiago. Actas do Congresso Internacional Atlântico de Antigo Regime: poderes e sociedades, CHAM/ FCSH-UNL, novembro de 2005.



VIDAL, Laurent. *Mazagão, a cidade que atravessou o Atlântico*: do Marrocos à Amazônia. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 294p.

YUNES, Virginia (Dir. e Ed.). *Mazagão: uma raiz africana*. Canal Youtube, 2021. 15'12" minutos.: cor, som, DVD. Vídeo documentário. Disponível em: <a href="https://youtu.be/s9pl-knWk6E">https://youtu.be/s9pl-knWk6E</a>.

----//----

Abstract: The small district of Mazagão Velho is located in the municipality of Mazagão, in the south of the State of Amapá, northern Brazil. The history of this small territory begins in Africa in the 18th century. It is the story of a Portuguese city transferred from Morocco to the Amazon. A unique history whose union of the culture of these three ethnicities - Portuguese, African and Amerindian resulted in strong traditions that exist and resist in time. In this article I seek to bring some narratives that highlight the memories of some residents and mine as well, as well as visual narratives that translate and make known the history, the locality and part of the cultural manifestations. I present a photoethnography, made of portraits and reports, made in 2018, which reveal a possible idea of what was and continues to be the connection between Brazil and Morocco.

**Keywords:** Mazagão, Amapá, culture, identity, Afro-descendants

Recebido em: 29 de novembro de 2022. Aceito em: 15 de abril de 2023